

Entrevista a Barbie Zelizer

RITA FIGUEIRAS *

Barbie Zelizer é uma das mais notáveis investigadoras da actualidade na área do jornalismo e cultura. É professora na Annenberg School for Communication (Universidade da Pensilvânia), onde ocupa a Raymond Williams Chair of Communication. É fundadora e co-editora da revista científica Journalism: Theory, Practice, and Criticism. Tem desenvolvido inúmeras pesquisas, nomeadamente sobre autoridade jornalística, memória colectiva, bem como sobre imagens jornalísticas em tempos de crise e de guerra. Nesta entrevista aborda-mos alguns dos temas centrais à compreensão dos media enquanto produto e reflexo da cultura ocidental.

O seu mais recente livro, publicado em 2004, intitula-se *Taking Journalism Seriously*. O que quer dizer com «levar o jornalismo a sério»?

Levar o jornalismo a sério é a minha maneira de dizer à academia que não está a dar a atenção suficiente ao que é o jornalismo. E que, ainda que o jornalismo esteja em todo o lado, ainda que tenha um lugar por si em todas as conversações que temos sobre as coisas que estão a ocorrer na esfera pública e privada, o jornalismo ainda não encontrou um «lugar» na academia onde possa ser estudado tudo o que o jornalismo é. Os cientistas políticos estudam os efeitos do jornalismo, os historiadores estudam o passado do jornalismo, mas não há um «lugar» onde os cientistas políticos, os historiadores e os sociólogos falem entre si e que lhes permita em conjunto encontrar um entendimento sobre o jornalismo que se aproxime da sua importância no mundo.

* Assistente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

E quão importante é?

Eu acho que o jornalismo é extraordinariamente importante. Penso que o jornalismo desempenha uma função crítica no funcionamento de qualquer governo e na conexão entre a política e o público, e não acho que devamos subestimar o efeito que pode ter, para o bem e para o mal, nas democracias. Penso que tem certamente um papel a desempenhar nas democracias.

Que papel é esse?

O que o jornalismo faz é dizer à sociedade o que está na mente da sociedade. Dá às pessoas um ponto de referência através do qual podem relacionar-se com os outros. Nos regimes autoritários, o discurso público e a memória pública são muito diferentes da democracia, e o jornalismo tem um papel diferente em cada. Precisamos sempre de uma força mediadora que ajude a manter os limites do colectivo e que coloque os indivíduos em sintonia uns com os outros, e é para isso que serve o jornalismo.

E está a fazê-lo?

Nem sempre, nem sempre. De facto, na maioria dos casos não o faz o suficiente. Mas isso não é um motivo para desistir da ideia.

Porque não o faz?

Por muitas razões. Acho que o jornalismo não está a ser levado a sério o suficiente, não pelas pessoas que o fazem, mas por quem o consome. Penso que as pessoas não pensam muito bem do jornalismo e não forçam expectativas. Acho que o jornalismo fornece um tipo de conhecimento particular que é diferente da ficção, diferente do cinema, diferente das cerimónias públicas, e acho que devemos pensar em conjunto como o pode fazer mais eficazmente.

Nesse sentido, o que pensa da relação entre a política e o jornalismo?

Penso que o jornalismo e a política estão ligados, mas, em muito, da mesma maneira que o jornalismo e a religião estão ligados, da mesma maneira que a cultura e o jornalismo estão relacionados. Dá-se demasiada importância à relação entre a política e o jornalismo e, no entanto, o jornalismo tem-se expandido para outras formas que não consideraríamos, num primeiro olhar, políticas, mas que de facto são políticas na sua essência. A intersecção entre o jornalismo e a política tem sido a intersecção mais enfatizada, em detrimento de outras.

Refere-se à relação entre a religião e os *media*?

A religião tem-se tornado mais importante sem que o percebamos.

Porque as pessoas estão a olhar para a política?

Sim, porque as pessoas têm olhado mais para a política. A intersecção, por exemplo, entre fundamentalismo islâmico e jornalismo tem-se relacionado e não temos dado muita atenção. As organizações noticiosas no Médio Oriente trabalham de forma diferente das organizações noticiosas do Ocidente, como a Al Jazeera, por exemplo. Estas organizações olham para o Ocidente e dizem «é isto que consideramos importante para o nosso sistema de valores e queremos que façam a cobertura». As fotografias dos bombistas suicidas são exemplos diferentes de jornalismo e religião, que tendem a ser desvalorizados nessa perspectiva pelo jornalismo ocidental.

Voltando à política. Na Europa há um grande debate sobre a relação entre imagem e conteúdo. E o jornalismo e uma determinada facção dentro da academia tendem a produzir um discurso que afirma que quando os políticos estão interessados na imagem é porque não têm conteúdo. Mas será que algures no passado foi possível falar numa «idade do ouro» da política? E é possível dissociar imagem e conteúdo?

Acho que qualquer mensagem junta forma e conteúdo. É a definição formalista do que é uma mensagem e outra forma de dizer forma é dizer imagem. Qualquer mensagem que esteja a ser transmitida, em qualquer situação, mas principalmente quando há público envolvido, há sempre uma luta entre imagem e conteúdo. Haverá sempre situações em que a forma estará mais destacada. Mas será que houve política sem forma ou imagem? Não.

Nos Estados Unidos também existe este debate...

Claro que sim. O problema é que as notícias nos Estados Unidos, particularmente na televisão, tornaram-se mais motivadas pela forma do que pelo conteúdo. Penso que a questão deve ser diferente. Precisamos de mudar o *focus*: O que esperamos do jornalismo? Cabe ao indivíduo perceber que o que está a receber de um *media* é diferente do que irá receber de outro. A questão é: Como variar as minhas fontes noticiosas para ter uma visão mais completa? Não interessa se recebemos informação televisiva muito orientada para a imagem, por exemplo. Como audiência devemos articular as várias fontes e devemos construir o tema. O problema é que tendemos a desenvolver o nosso lamento sobre o jornalismo, focando-nos num só

jornal ou canal de televisão, e isso, num determinado ponto, é colocar o problema num lugar a que não pertence. Digo aos meus alunos que devem ler fontes americanas, mas também inglesas e de outras línguas. Precisamos aceder a meios de comunicação de muitos sítios para percebermos o que há em comum com diferentes enquadramentos. E mesmo assim não acedemos ao quadro completo. É uma abordagem de consumo de notícias muito diferente da que se faz tradicionalmente, e gostamos de culpar os jornalistas. Não digo que não tenham culpa, mas acho que também temos de assumir responsabilidades.

Sobre o que está a trabalhar agora?

Agora estou a trabalhar num livro sobre pessoas a enfrentarem a morte, prestes a morrer. O meu argumento no livro é que a representação da morte que encontramos no fotojornalismo é uma representação da morte importada da arte. Temos inúmeros exemplos de pessoas prestes a morrer na arte que foram incorporadas formalmente pelo jornalismo. Estou à procura dos lugares onde aparecem fotografias de pessoas a enfrentarem a morte quando usadas em assuntos que não têm consenso público. E o meu argumento é que são usadas de uma forma muito peculiar, que não está ligada ao jornalismo; são usadas para provocar o consenso a favor da perspectiva oficial sobre o tema, ou contra.

Pode desenvolver um pouco mais essa ideia?

Por exemplo, se pensarmos nas imagens icónicas do Vietname com pessoas a morrer. Essas imagens só surgiram na imprensa americana num momento em que o consenso sobre o Vietname se estava a quebrar, e por isso foram críticas na mudança de opinião sobre o Vietname. Este tipo de imagens tende a surgir em situações como as do 11 de Setembro, do Afeganistão, do Iraque.

Sempre em momentos críticos?

Sim. O meu argumento é que está vinculado ao processo de selecção de notícias. A questão sobre estas fotografias é que elas nunca surgem somente como fotografias com pessoas a morrer, mas sempre com outras fotografias com as pessoas já mortas.

A sequência?

Sim. Na primeira estão vivas e nas outras já estão mortas. Porque não foram essas fotografias usadas isoladamente? Porque não produzem efeito emocional. O meu argumento é que quando o público não está decidido como ler

determinado acontecimento, estas fotografias são usadas não uma só vez, mas muitas vezes no mesmo jornal repetidamente. Depois de as pessoas já estarem mortas. A questão é saber por que surgem estas fotografias? Em meu entender elas são usadas para criarem uma esfera pública emocional, para conduzirem as pessoas em determinada direcção.

Então não aparecem no início das histórias... Quando se deu o 11 de Setembro, as primeiras fotografias foram de seqüências.

Sim. As primeiras imagens são das pessoas a saltar das janelas. Essas imagens apareceram inicialmente na televisão durante a tarde, mas, na manhã seguinte, tinham desaparecido da televisão. Apareceram em poucos jornais e nunca na primeira página, sempre no interior, mas no fim da semana desapareceram. As fotografias com pessoas a morrer desapareceram. E que imagens apareceram constantemente? Apareceram as fotografias das torres. É o que chamo a fotografia de «morte presumida», é a distância de segunda ordem. Não vemos as pessoas, porque é demasiado doloroso; vemos as torres. As torres, por definição, requerem um mesmo tipo de resposta junto do público, que é: precisamos de imaginar o que se passa naquela fotografia. Tem o mesmo efeito emotivo nas pessoas.

Já voltaram a aparecer as imagens que mostravam as pessoas a morrer?

Não voltaram.

Podemos então dizer que nos Estados Unidos o tema ainda não entrou numa área de consenso?

Exacto. Uma das fotografias de pessoas a saltar era da Reuters, e quando a Reuters fez, um ano depois, um álbum memorial (as fotografias não ficam só no jornalismo, deslocam-se para fora do jornalismo para outros trabalhos memorialísticos), essa fotografia não apareceu nessa colectânea de imagens sobre o 11 de Setembro.

Acha que vão voltar a aparecer?

Não sei. Sei que apareceram no México, no Brasil.

Mas não nos Estados Unidos. Ainda não conseguiram construir um consenso em torno do tema?

Exacto.

Acha que o jornalismo mudou depois do 11 de Setembro, referindo o seu livro *Journalism After September 11*?

Queria acreditar que mudou, mas não mudou. Estamos neste momento a reeditar esse livro. Estamos a debater sobre o que pensámos nessa altura e o que sabemos agora. Foi durante um período reduzido de tempo diferente. Houve a crença de que muitos erros da cobertura jornalística americana seriam ultrapassados, como o autocentrismo, a incapacidade de entender outras culturas nos seus próprios termos. Pensámos que isso seria corrigido, mas poucos meses depois voltámos para onde estávamos antes. Não acho que o jornalismo americano tenha mudado.

Só muda durante a cobertura de acontecimentos extraordinários?

Isso relaciona-se com outro tema que trabalho. Ainda não encontramos modelos de prática jornalística que reconheçam crises centrais para a cobertura jornalística. Queremos pensar que basta organizar o jornalismo e rotinizar os acontecimentos com fórmulas. Mas quando existem crises, todas as regras do jornalismo tendem a desaparecer, mas nada muda do ponto de vista estrutural. E por isso precisamos de repensar a relação entre jornalismo e crises. Produzir um jornalismo sobre crises.

Sobre a questão das imagens e dos textos jornalísticos, nos jornais portugueses muitas vezes parece que temos três narrativas simultaneamente: o título tem uma história, a fotografia outra e o texto outra. Poderíamos ver isto como uma forma complexa de abordar os temas, mas parecem é três histórias diferentes e dificultam a compreensão do assunto.

Não estamos treinados para saber ligá-los entre si.

Porquê? Como assim?

Porque o jornalismo sempre se centrou nas palavras. É por isso que acho que o livro sobre pessoas a enfrentarem a morte surge numa altura importante, porque é sobre emoção; temos de usar a imaginação, por oposição às regras da esfera pública racional. O jornalismo nasceu nos Estados Unidos, dentro da noção de esfera pública racional. Não acho que a esfera pública seja racional. Colocamos a emoção em segundo plano e isso não nos permite ver para lá do racional e de forma mais ampla.

E as imagens permitem?

Exactamente. O jornalismo tende a funcionar de forma racional e fá-lo melhor

com palavras; e as imagens, ainda que sejam centrais no jornalismo, não são vistas como fazendo o que o jornalismo quer que elas façam, a não ser que se ache que a fotografia fornece a realidade tal como ela é. Mas sabemos que isso não é possível. Até isso é uma ficção e serve a ideia de jornalismo como um discurso racional.

Considera que a divisão entre emoção e razão traduz um preconceito cultural?

Sim, tende-se a considerar que um bom debate depende da capacidade de expressão racional. E o que não conseguimos falar? Acho que o que não se diz e as fracturas são os dados mais importantes. O que é que nos está a escapar? Não podemos separar o racional do emocional. Por isso, gostaria de enfatizar a importância de estudar as imagens, porque as imagens não fazem parte da forma como os jornalistas se vêem na sua autodefinição. E as imagens tornaram-se uma das ferramentas mais importantes para visualizarmos, literal e metaforicamente, pessoas que são diferentes de nós e que vivem longe de nós. Numa era de globalização, as imagens tornaram-se o meio principal de conhecer o outro e, no entanto, não sabemos nada sobre a construção das imagens. Em tempos de crise temos mais imagens e menos palavras, e acho que devemos pensar sobre isso seriamente.